Nº 26 – JANEIRO / JUNHO 2017

MAIS TMJB

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

Noite da liberdade

Teatro Nacional São João

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Wim Vandekeybus

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Deolinda

Joël Pommerat

Artistas Unidos

Olga Roriz

Migrantes

Orquestra Gulbenkian

Luísa Sobral

Olhar para nós e para o Mundo

Os espectáculos da Companhia de Teatro de Almada para 2017 procuram entrar em diálogo com a comunidade acerca da dimensão de cada um de nós enquanto cidadão português, mas também do Mundo. Com textos nacionais e estrangeiros, clássicos e contemporâneos – e mantendo a tendência para estrear peças em absoluto no nosso País –, abriremos o debate a temas como o avanço da extrema-direita na Europa (*Noite da liberdade*); a prevalência do embuste sobre o genuíno no mundo empresarial contemporâneo (*O feio*); a tragédia dos refugiados (*Migrantes*); a necessidade de por vezes dizer "*não*" (*História do Cerco de Lisboa*); e a premência da tolerância religiosa (*Nathan, o sábio*). E como o gosto pela Arte se incute desde cedo, propomos sete espectáculos para os mais novos – um deles em criação.

Em 2017 o TMJB é também a casa teatral daqueles que nos visitam desde o início (como o Teatro Nacional S. João e os Artistas Unidos); das companhias de fora da Grande Lisboa (Companhia de Teatro de Braga, A Companhia de Teatro do Algarve); de criadores de relevo internacional, como Joël Pommerat, mas também de jovens talentos almadenses, como João Pedro Mamede. O teatro de pequeno formato, documental (e político), que tanta aceitação tem alcançado junto do nosso público, encontra expressão nas peças de dois jovens criadores: na Sala Experimental André Amálio apresenta um ciclo sobre a descolonização portuguesa, e o galego Pablo Fidalgo Lareo fala da Guerra Civil Espanhola a partir do ponto de vista do seu tio-bisavô.

2017 é também o ano do regresso a Almada do coreógrafo Wim Vandekeybus (que em 2010 nos surpreendeu com uma criação nos limites da dança) e da coreógrafa Olga Roriz, ao mesmo tempo que renovamos a colaboração com a Quinzena de Dança de Almada. A fechar o ano a Companhia Nacional de Bailado, que a cada temporada nos tem visitado, traz-nos mais um bailado clássico. Quatro artistas plásticos – dois de Almada, dois de fora – asseguram as quatro exposições da Galeria ao longo do ano.

O eclectismo que tem marcado a programação musical desta casa é mantido, através da colaboração com as principais orquestras do País, e da apresentação de alguns dos mais destacados intérpretes da música portuguesa contemporânea – do *rock* ao fado, passando pelo *soul* –, ao mesmo tempo que abrimos as portas à descontracção no café-concerto.

Entramos em 2017, ao que parece, num ambiente de relativa estabilidade política e económica, em relação ao passado recente – embora o valor da subvenção do Estado à CTA seja igual ao de 1997, há precisamente 20 anos atrás. Mas esta aparente bonomia portuguesa contrasta com os tumultos que se sucedem lá fora. Enquanto criadores, cabe-nos continuar atentos – tanto àquela quanto a estes.

Rodrigo Francisco

Nº 26 | JANEIRO / JUNHO 2017

Colaboram neste número **Ana Patrícia Santos, Ângela Pardelha, José Gabriel Antuñano, Miguel Martins** e **Rodrigo Francisco** Grafismo **João Gaspar** Fotografia de capa **Rui Carlos Mateus** Impressão **Grafedisport, impressão e artes gráficas, SA** Propriedade, distribuição e publicidade **Companhia de Teatro de Almada**, **CRL**

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada

JAN-DEZ 2017

CONCERTO DE ANO NOVO
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
04 JAN

2 CHAMADAS NÃO ATENDIDAS
06 JAN

NOITE DA LIBERDADE
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
13 a 29 JAN

CONTOS DO ARCO DA VELHA
LIMITE ZERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL
28 e 29 JAN

IRMÃOS CATITA
03 e 04 FEV

ORQUESTRA GULBENKIAN COM ORQUESTRA GERAÇÃO
04 FEV

O FEIO
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
10 a 19 FEV

FÃ
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO
11 e 12 FEV

PROJECTO ALARME
16 e 17 FEV

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA
18 FEV

SPEAK LOW IF YOU SPEAK LOVE…
ULTIMA VEZ
24 FEV

AS AVENTURAS DE GUINHOL
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
25 FEV a 05 MAR *CRIAÇÃO*

LILI BERLIM
03 e 04 MAR

LA CLEMENZA DI TITO
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
E CORO DE CÂMARA LISBOA CANTAT
05 MAR

MARCHA INVENCÍVEL
OS POSSESSOS
10, 11 e 12 MAR *CRIAÇÃO*

DEOLINDA
11 MAR

O CAPUCHINHO VERMELHO
COMPAGNIE LOUIS BROUILLARD
18 e 19 MAR

DAMA PÉ DE MIM
ANA MADUREIRA
18 e 19 MAR

A NOITE DA IGUANA
ARTISTAS UNIDOS
25 e 26 MAR

ANTES QUE MATEM OS ELEFANTES
COMPANHIA OLGA RORIZ
01 ABR

ULISSES DE VOLTA À CASA PARTIDA
01 e 02 ABR

CONCERTO DE PÁSCOA
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA
07 ABR

AS CRIADAS
COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA
09 ABR

UM ESPECTÁCULO
ACTA – A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE
15 ABR

MIGRANTES
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
21 a 28 ABR e 03 a 14 MAI *CRIAÇÃO*

O FANTASMA DAS MELANCIAS
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
22 e 23 ABR

FERNANDO LOPES-GRAÇA
22 e 23 ABR

DONA RAPOSA E OUTROS ANIMAIS
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
06 e 07 MAI

JARDIM ZOOLÓGICO DE VIDRO
ARTISTAS UNIDOS
12, 13 e 14 MAI

ORQUESTRA GULBENKIAN
20 MAI

PASTÉIS DE NATA PARA BACH
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
20 e 21 MAI

LUÍSA SOBRAL
27 MAI

PORTUGAL NÃO É UM PAÍS PEQUENO
HOTEL EUROPA
22 SET

HÉLDER MOUTINHO
23 SET

OS GATOS
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
23 e 24 SET

PASSA-PORTE
HOTEL EUROPA
29 SET

COEVOS
COMPANHIA DE DANÇA DE ALMADA
29 e 30 SET *CRIAÇÃO*

LIBERTAÇÃO
HOTEL EUROPA
06 OUT

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA
ACTA – A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE, COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA, COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA E TEATRO DOS ALOÉS
12 OUT a 03 NOV *CRIAÇÃO*

O BARBEIRO DE SEVILHA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
14 e 15 OUT

A MENINA QUE VENDIA FÓSFOROS
RED CLOUD TEATRO DE MARIONETAS
28 e 29 OUT

JORGE PALMA
11 NOV

GUARDA MUNDOS
TEATRO DA DIDASCÁLIA
11 e 12 NOV

TITANIC MONSTER SHOW
17 e 18 NOV

HABRÁS DE IR A LA GUERRA QUE EMPIEZA HOY
MATERIAIS DIVERSOS
18 e 19 NOV

FADOS DO LELLO PERDIDO
24 e 25 NOV

CONTOS DE CARTÃO
CABEÇA DE VENTO
25 e 26 NOV

CORAÇÕES DE ATUM
01 e 02 DEZ

VERDI QUE TE QUERO VERDI
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
08 a 17 DEZ

NATHAN, O SÁBIO
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
09 a 17 DEZ *CRIAÇÃO*

ANA MOURA
22 DEZ

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO
29 e 30 DEZ

EXPOSIÇÕES

DO OUTRO LADO DO CAMINHO
CIGANOS DO ALTO ALENTEJO
de Adalrich Malzbender
14 JAN a 26 MAR

BETWEEN
de Marta Moura
08 ABR a 25 JUN

...E ATÉ PLATÃO TINHA UM CORPO...
de Luís Miranda
08 JUL a 01 OUT

CORRER O RISCO
de João Gaspar
14 OUT a 30 DEZ

CLUBE DE AMIGOS DO TMJB

Os membros do Clube de Amigos têm direito aos seguintes descontos:

- *Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes*
- *Espectáculos acolhidos: 50% de desconto e 30% de desconto para os acompanhantes*
- *Menu de refeição completa por 7,5€ no Restaurante do Teatro*
- *50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada*
- *20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada*
- *Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos*

© Rui Carlos Mateus

Uma “Noite da liberdade” oportuna

É a segunda vez que Rodrigo Francisco visita Ödön von Horváth (1901-1938), um dramaturgo que enraíza a sua dramaturgia na crítica ácida aos valores do Império Austro-Húngaro em que foi educado, e que dedicou a sua obra a alertar para os perigos do nazismo. Embora tenha nascido na actual Hungria, a sua escrita tem o matiz do pessimismo iluminado dos criadores vienenses. As peças de Horváth caracterizam-se por afrontarem temáticas e colocarem problemas bastante actuais, nesta sociedade líquida e bem pensante de que fazemos parte.

Nesta peça, o escritor *mitteleuropeu* põe em cena acontecimentos ocorridos na cidade de Murnau (Baviera), centrando-se na taberna de Josef Lehninger, onde consecutivamente os fascistas (nacional-socialistas) celebram o Dia da Pátria, para depois os republicanos, sociais-democratas com bandeiras vermelhas, celebrarem a sua Noite da Liberdade. Os segundos suspeitam de que se conjura algo contra a sua facção, mas não são capazes de constatar que o nacional-socialismo começa a construir o seu caminho em direcção ao poder, que culminará no Terceiro Reich.

À dimensão política do drama, Horváth acrescenta quatro personagens, muito interessantes, que sofrem as consequências dos desmandos políticos. Trata-se de dois casais: um formado por dois republicanos, no qual a rapariga é “*sacrificada*” como amante de um fascista para obter informações; e outro casal, formado por um republicano e uma rapariga de tendência nacional-socialista que também muda de campo por motivos sentimentais.

Com estes ingredientes, Rodrigo Francisco realiza a sua leitura pessoal de *Noite da liberdade*: os burocratas europeus e os partidos tradicionais, de tendências opostas (com maior ênfase nos da esquerda), enredam-se actualmente em expedientes de curto prazo, ao passo que as forças totalitárias, os fascistas/nacional-socialistas (aqui vestidos com o traje académico), vão ganhando espaço político. Qualquer espectador estabelecerá a relação com os populismos alienantes – opostos ideologicamente, mas similares no que toca à demagogia – e com os fenómenos de ilusão que poderão acabar com a democracia. Democracia essa que, ainda que seja um sistema imperfeito, permite que o povo se expresse nas urnas, de tempos a tempos. Rodrigo Francisco dirige a sua crítica ao ensimesmamento dos partidos tradicionais, que não ouvem nem valorizam a ameaça dos totalitarismos, disfarçados de movimentos populares e aproveitando a falta de informação das massas.

A encenação apoia-se numa narrativa coral, não deixando de focar esses dois casais, que dão um toque de humanidade ao espectáculo e reforçam a ideia de que são os indivíduos quem sofre na pele a passividade dos dirigentes das instâncias democráticas. *Noite da liberdade* combina acertadamente o bom trabalho actoral e a energia dos jovens protagonistas, com a contenção e o *savoir faire* dos mais velhos, que aplacam a vitalidade dos primeiros e proclamam discursos inócuos que explicam, ou justificam, os medos e as premonições de Horváth. | José Gabriel Antuñano

NOITE DA LIBERDADE

De Ödön von HORVÁTH
Enc. de Rodrigo FRANCISCO

13 a 29 JANEIRO
Quarta a Sábado às 21h | Domingo às 16h

Ödön VON HORVÁTH

Ödön von Horváth (1901-1938) foi um dos mais importantes dramaturgos de língua alemã da primeira metade do século XX. Nascido no Império Austro-Húngaro, passou toda a sua infância e juventude em itinerância, em virtude do cargo de seu pai, adido do consulado imperial. Deixará para a posteridade cerca de vinte peças, três romances e alguns contos e prosas breves. Em 1931 a sua peça *Lendas do bosque de Viena* foi distinguida com o Prémio Kleist, o mais importante da República de Weimar. Todavia, com a ascensão dos nacional-socialistas, a representação das suas peças foi proibida e, em 1936, Horváth foi obrigado a abandonar o território alemão. Morreu no exílio, em 1938, atingido pelo ramo de uma árvore, na sequência de uma violenta tempestade nos Campos Elísios.

Rodrigo FRANCISCO

Rodrigo Francisco (n. 1981, Lisboa), licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa foi assistente de Joaquim Benite entre 2006 e 2012. É autor de *Quarto minguante* (2007) – traduzido para castelhano e francês – e *Tuning* (2011) – traduzido para francês. Na Companhia de Teatro de Almada dirigiu os seguintes espectáculos: *Falar verdade a mentir,* de Almeida Garrett (2011); *Negócio fechado*, de David Mamet (2013); *Em direcção aos céus*, de Ödön von Horváth (2013); *Um dia os réus serão vocês,* a partir do texto do julgamento de Álvaro Cunhal (2013); *Kilimanjaro*, a partir de Ernest Hemingway (2014); e *A tragédia optimista*, de Vsevolod Vichnievski (2015). É desde 2013, sucedendo a Joaquim Benite, director artístico da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada.

© Danny Willems

“Fala baixo, se falares de amor…”

Partindo de uma citação de Shakespeare (de *Muito barulho por nada*), Wim Vandekeybus – de regresso ao Teatro Municipal Joaquim Benite depois de *nieuwZwart,* em 2010 – parte agora à procura do amor impossível. Misturando o clássico, o contemporâneo e o *rock* experimental, a sua nova coreografia conjuga energia, desejo e violência. Vandekeybus colabora novamente com o músico Mauro Pawlowski e a carismática banda dEUS, acompanhados pela enfeitiçante cantora sul-africana Tutu Puoane.

O arranque marcadamente cru de *Speak low if you speak love* acaba por precipitar-nos numa torrente de violência tanto física quanto psíquica. Os bailarinos, com os rostos cobertos e seminus, enlaçam-se numa sucessão de embates bastante sugestivos sexualmente e com grande impacto, acompanhados pela voz etérea de Tutu Puoane. Os corpos chocam, quebram e tropeçam uns nos outros, como que magnetizados por uma força instintiva, imperativa.

SENSUALIDADE E HUMOR

Mas rapidamente esta densidade inicial se dilui, para dar lugar a uma sucessão de quadros bem mais maliciosos e surpreendentes. Vestidos com umas camisas vermelhas compridas, os bailarinos embarcam numa dança endiabrada, marcada por sucessivas séries de saltos formidáveis e um genial número de sapateado. Em seguida, um bailarino, enlouquecido por uma voz que lhe sussurra dentro da cabeça, atira-se a tudo o que mexe, antes de se dar conta de que é o seu corcel – encarnado com bastante humor por uma bailarina – que está na origem desses sons insidiosos. Mas nunca nos afastamos inteiramente de um certo instinto mórbido e de violência, alternando momentos de agressividade inaudita, nomeadamente contra o corpo feminino, com as travessuras o mais infantis possível, ainda que sempre mal-intencionadas. Uma jovem bailarina diverte-se a tirar a roupa perante um homem embaraçado, deixando cair repetidamente as cuecas e gozando com o pudor dele. Os três músicos, em cena, assistem e participam nesta encenação. A vocalista, Tutu Puoane, chega mesmo a interpelar os bailarinos e a pô-los na ordem, com um par de piadas.

DESLIGAR A RAZÃO

A coreografia transbordante de *Speak low if you speak love*, com múltiplos níveis de leitura possíveis, evoca esse estado inconsciente, irresistível e misterioso que sustenta o amor. A primeira cena, com os rostos cobertos dos bailarinos, dá-nos logo à partida o sinal para desligarmos a razão e para nos deixarmos levar para o nível do subconsciente. Desta forma, Wim Vandekeybus exprime as pulsões mórbidas do corpo, os seus tropismos sexuais e a sua irreprimível vontade de imediatez – que conduzem ao confronto com o *outro*, tanto através do riso como do sofrimento. Esta reflexão sobre o sentimento amoroso inscreve-se, portanto, na linha dos seus trabalhos precedentes, reveladores de um “*universo mental pressionado pela desrazão*” (Rosita Boisseau). A própria estrutura das obras de Vandekeybus, que se desenvolve com a fluidez de um raciocínio, faz lembrar as divagações que o inconsciente desperta. Para o coreógrafo, “*a forma de um espectáculo deve alterar-se sempre. É por isso que tanto faço espectáculos que partem da música* (nieuwZwart *ou* Speak Low If You Speak Love*), como a seguir coloco um homem sozinho diante de um filme (*Monkey Sandwich*), ou enceno uma mitologia clássica (*Oedipus/bête noir*), ou monto um espectáculo-problema, no qual a teatralidade tem um papel preponderante (*Booty Looting *ou* Talk to The Demon*)*”. Quanto ao papel que o músico Mauro Pawlowski desempenha no espectáculo, Vandekeybus sublinha que se trata de “*um mestre do ritmo, do* soul *e do virtuosismo. A sua música é intrigante, ousada e destemida: vai direita às vísceras e abala-nos a consciência*”. Finalmente, uma palavra para a magnífica interpretação dos bailarinos da companhia Ultima Vez, dotados de uma técnica extraordinariamente diversificada e de uma energia nada menos que assombrosa. Todos eles saltam a alturas espantosas, mostrando-se igualmente capazes de dançar com uma fineza absoluta, de fazer sapateado, de tocar bateria – e até mesmo de atirar ao arco. Uma merecida referência ainda para a técnica graciosa de Jamil Attar (uma verdadeira revelação), assim como para a pujante interpretação de Livia Balazova. |

Laurine Mortha

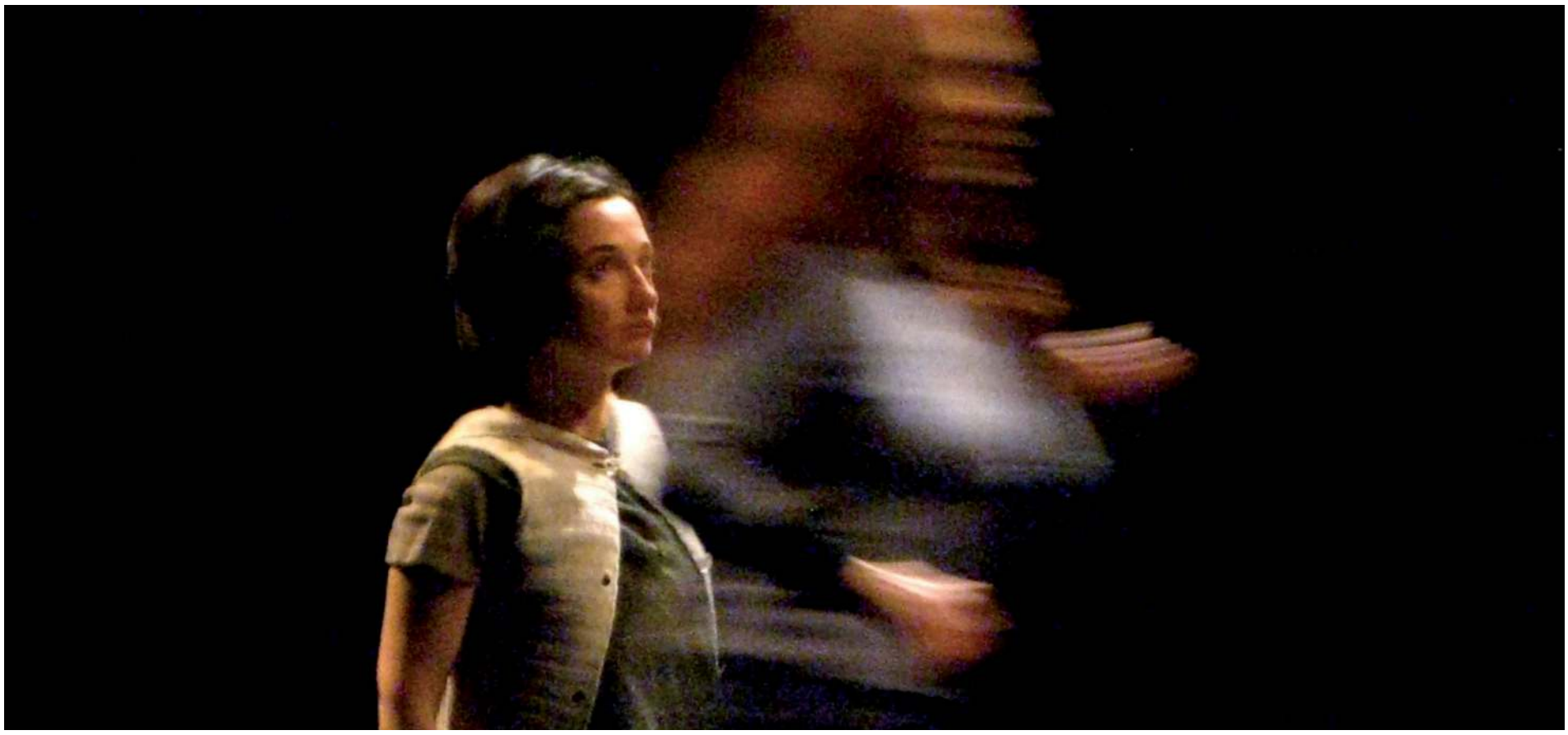
SPEAK LOW IF YOU SPEAK LOVE...

Dir. e coreografia de Wim VANDEKEYBUS

24 FEVEREIRO
Sexta às 21h

Wim VANDEKEYBUS

Após ter estudado Psicologia, Wim Vandekeybus (n. 1963, Herenthout, Bélgica) envereda em 1985 por um caminho novo: apresenta-se numa audição de Jan Fabre, que lhe dá um papel em *The power of theatrical madness*. Um ano depois, funda a sua própria companhia: Ultima Vez. O seu primeiro espectáculo, *What the body does not remember,* é um sucesso internacional, que lhe vale um Bessie Award. Em 2013 Wim Vandekeybus e a Ultima Vez são laureados com o Prix Evens pour l’Art e, em 2015, o coreógrafo realiza a sua primeira longa-metragem: *Galloping mind*. Apesar de ter apresentado espectáculos bastante distintos entre si, a sua companhia tem-se mantido fiel a uma linguagem própria, colaborando com bailarinos, artistas de circo, actores e músicos.



© Philippe Carbonneaux

Mais do que levar o almoço à avó

Joël Pommerat – que tem sido em várias edições aclamado pelo público do Festival de Almada (no ano passado trouxe *Pinóquio* ao Centro Cultural de Belém) – regressa já em Março com *O Capuchinho Vermelho*, que, partindo do célebre conto tradicional infantil, constrói um espectáculo para todo o público. Na versão de Pommerat, esta história centra-se sobretudo na relação entre três gerações de mulheres: uma neta, uma mãe que não tem tempo para a menina e uma avó muito velha. E na ausência familiar de uma figura masculina.

É autor e encenador, e só dirige os seus próprios textos. Porquê?
Não gosto da "*actividade*" de encenador; aborrece-me terrivelmente. Encenar não é o que mais me agrada na montagem de um espectáculo: é só uma coisa necessária, útil, que eu procuro que seja o mais agradável e criativa possível. Mas só me interessa enquanto forma de prolongar o acto da escrita.

Muitas vezes a sua forma de trabalhar é associada à técnica cinematográfica…
É claro que tenho uma relação com o cinema, mas esse aspecto não é mais importante do que o meu interesse pela pintura, pela fotografia, pela literatura, pelo romance, pela televisão ou pelas artes plásticas… Não faço teatro por adorar esta arte, mas sim porque foi a forma que encontrei para estar por dentro da representação. Nunca deixarei o teatro, porque aprendi a amá-lo e a fazer com que ele também goste de mim. O romance contemporâneo também teve um papel importante na minha escrita: foi graças a ele que desenvolvi as elipses e os fragmentos na minha narração.

Acha que os contos tradicionais são mais morais ou imorais?
As duas coisas ao mesmo tempo, porque existe o Bem e existe o Mal. O confronto entre o Bem e o Mal é um tema bastante interessante, pela forma como os dois conceitos se camuflam e se misturam um com o outro. Por vezes o Mal vai avançando, disfarçado de anjo, nesta sociedade da informação e da representação. De tal modo que, actualmente, é mais difícil estabelecer uma fronteira: reina a aparência e ficamos perdidos. O teatro é uma boa forma de abordar esta questão.

Por que é que decidiu montar *O Capuchinho Vermelho*?
Lembro-me da história que a minha mãe me contava, quando era miúdo, do caminho que tinha de fazer para chegar à escola. Vivia numa quinta e tinha de andar uns nove quilómetros pelo campo. Ela dizia que era normal – que todas as crianças dos arredores o faziam. Essa história impressionava-me, na altura, e ainda me impressiona mais hoje em dia. Imagino uma miúda com a sua mala, debaixo de chuva ou da neve, a pé pelos caminhos, atravessando um bosque de pinheiros cheio de cães vadios, debaixo de um vento glacial. Hoje em dia, que pais deixariam partir assim o seu filho (ou filha) de seis anos – fizesse que tempo fizesse, de noite e no Inverno, por um caminho tão longo –, apenas com a Natureza e a solidão por companhia? Com este espectáculo procurei ir ao encontro das emoções dessa menina. Sei que esta história é, em parte, a minha. Sei que esse longo caminho que a minha mãe fez, quase todos os dias da sua infância, marcou e orientou a sua vida, formou o seu carácter e teve bastante peso nas suas escolhas. Esta história acabou por influenciar a pessoa que sou hoje.

Como é que se adapta para o teatro este conto tradicional, que faz parte do imaginário das crianças em todo o Mundo?
Eu queria escrever a minha própria versão. Existem dezenas de versões diferentes deste conto, mas o meu objectivo não foi reescrevê-lo ou tentar torná-lo moderno ou contemporâneo. Quis abordar, simplesmente, as diferentes etapas do percurso desta menina no meio da floresta, que vai da casa da mãe para a casa da avó e encontra um lobo. Praticamente não há desvios a este tema. Quis concentrar-me nas diferentes acções das personagens. Com elementos bastante concretos.

Pode dar um exemplo?
Para mim o lobo representa, simbolicamente, bem mais do que um animal, embora na história seja tratado como um animal. O elemento que quis relevar foi o da Natureza e o do Animal, naquilo que têm de perigoso, de misterioso e de imprevisível – mas também de belo e de maravilhoso; de envolvente e de sedutor.

A confrontação com o perigo faz parte do crescimento?
O relacionamento com o medo é primordial neste conto – e, em geral, na vida de uma criança. Acho que abordar esta questão com os mais pequenos é também introduzir a outra face da mesma moeda: o desejo. Enfrentar o medo, enquanto criança, e confrontar-se com esse sentimento, num contexto de aprendizagem ou brincadeira, é fazer com que não se venha mais tarde a ser escravo desse mesmo medo – e dominado por ele.

E que outros aspectos procurou evidenciar?
O tempo. O tempo humano, que me parece que é um dos temas mais profundos desta história. Os quatro protagonistas são os seguintes: uma menina, a sua mãe, a mãe da sua mãe e um lobo. Dito de outra forma: são três gerações de mulheres da mesma família (o mesmo sangue, a mesma carne) marcadas por uma ausência masculina. Este lobo (carnívoro) está, portanto, no cerne de uma história que o ultrapassa: a história de três mulheres unidas por um sentimento muito forte, que são ou serão levadas a tomar cada uma o lugar da outra, numa mistura de desejo e de medo. Mesmo sem que esta questão seja alguma vez abordada directamente pelas personagens, é este dado, creio, que acaba por tornar esta história tão apreciada tanto pelas crianças como pelos adultos.

Excertos de uma entrevista realizada por Jean-François Perrier.

O CAPUCHINHO VERMELHO
A partir do conto popular
Encenação de Joël POMMERAT
18 e 19 MARÇO
Sábado às 16h e às 21h | Domingo às 16h

Porque a boa música nunca é demais: do ‘folk’ à ópera, e às sinfonias

Na primeira metade do ano, o TMJB acolhe cinco concertos de música clássica, um recital com obras de Fernando Lopes-Graça, uma ópera de Mozart e as actuações dos Deolinda e de Luísa Sobral, dois nomes da música portuguesa contemporânea que chegam a Almada com discos novos na bagagem. As formações sinfónicas – como a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Gulbenkian – actuam ou isoladas, sob a direcção de nomes como Pedro Amaral, Pedro Neves ou Joana Carneiro, ou em parceria com a Orquestra Geração e o Atelier de Ópera da Metropolitana, dois projectos que, a seu modo, visam o crescimento pessoal e artístico de jovens músicos.

A maestrina Joana Carneiro dirige dois concertos sinfónicos na primeira metade do ano.

© Dave Weiland

A Orquestra Metropolitana de Lisboa regressa à Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite para interpretar *La clemenza di Tito*, a ópera que Mozart escreveu em 1791 a pedido do imperador Leopoldo II. O libreto descreve os preparativos que envolvem o casamento do césar – em particular, os planos com que Vitellia pretende vingar-se dele, por ter sido sucessivamente preterida para o lugar de imperatriz –, e é interpretado pelos participantes da 4.ª edição do Atelier de Ópera da Metropolitana, um conjunto de jovens cantores em início de carreira que, deste modo, têm a oportunidade de colaborar pela primeira vez com uma orquestra profissional.

A Orquestra Gulbenkian apadrinha, por seu turno, um projecto de inclusão social através da música, ao dividir o palco com a Orquestra Geração no próximo dia 4 de Fevereiro. Desta formação fazem parte os melhores elementos de um sistema de orquestras infantis e juvenis, actualmente implementado em escolas de Coimbra, da Grande Lisboa, de Almada e da Península de Setúbal para, à imagem do projecto venezuelano original, combater o insucesso escolar e os problemas de comportamento dos alunos. Interpretam neste dia um programa diversificado – com obras de Dimitri Shostakovitch, Antonio Vivaldi e Gioacchino Rossini, entre outros – e a entrada é gratuita.

NAIPES A POSTOS

A Orquestra Sinfónica Portuguesa apresenta-se em dose dupla, com concertos que sublimam os clássicos de sempre, estreiam criações contemporâneas e põem em evidência solistas consagrados e em ascensão. Assim, para o dia 18 de Fevereiro, está marcada a estreia mundial do *Concerto para violoncelo e orquestra* do compositor português Luís Tinoco, acompanhado pela abertura da ópera *L’hôtellerie portugaise*, de Cherubini, e pela terceira sinfonia de Mendelssohn. Em Abril, o tradicional Concerto de Páscoa conta com a direcção musical de Joana Carneiro e com a participação do Coro do Teatro Nacional de São Carlos na interpretação de uma obra do escocês James MacMillan, inspirada pela Paixão de Cristo.

A maestrina há-de regressar depois em Maio, desta feita à frente da Orquestra Gulbenkian e de um programa de duas peças: a *Sinfonia n.º 3*, de Beethoven, e *The Rite of Mountains*, um concerto para percussão e orquestra composto depois do terramoto que afectou a região de Wenchuan, em 2008, por Guo Wenjing, por muitos considerado o maior compositor chinês vivo. Li Biao, um dos mais destacados percussionistas da actualidade, é o solista convidado.

TOCAR CORAÇÕES

Quem também está de regresso em 2017 é o pianista e maestro João Paulo Santos, para mais um ciclo de concertos comentados na esteira daquele que promoveu há dois anos sobre os compositores portugueses da Geração de 70 à Segunda Grande Guerra. Desta vez, apresenta-se na companhia do violinista Bruno Monteiro, com quem gravou a obra integral de Fernando Lopes-Graça para violino e piano e para violino solo em 2014. Perante a reacção entusiasta que o disco obteve junto do público e da crítica especializada, a dupla quer agora repetir o feito ao vivo, sob o formato intimista do recital.

No outro extremo, encontram-se os concertos dos Deolinda e de Luísa Sobral, pensados para as dimensões da Sala Principal, mas nem por isso menos capazes de chegarem aos corações de quem assiste. A banda chega ao TMJB no dia 11 de Março, no final de uma das digressões mais bem sucedidas de 2016 e já depois de ter subido ao palco dos Coliseus para apresentar o álbum *Outras histórias* (2016), considerado pelo jornal *Público* “*um dos melhores álbuns de música popular portuguesa da última década*”.

Quanto a Luísa Sobral, estreia-se em Almada no final do mês de Maio, ansiosa por interpretar ao vivo *Luísa*, o disco que editou no final do ano passado e que aposta no cruzamento entre o *jazz* e o *folk*. Como, de resto, acontece no TMJB: cruzam-se géneros, estilos, influências, pessoas… E os *singles* que ouvimos nas rádios ganham outra sonoridade: uma sonoridade que, de tão boa, nunca é demais.

| Ângela Pardelha

ORQ. GULBENKIAN COM ORQ. GERAÇÃO
Direcção musical de Ulysses ASCANIO
Sábado 04 FEVEREIRO às 17h

ORQ. SINFÓNICA PORTUGUESA
Direcção musical de Pedro NEVES
Sábado 18 FEVEREIRO às 21h

LA CLEMENZA DI TITO
Direcção musical de Pedro AMARAL
Domingo 05 MARÇO às 16h

DEOLINDA
Sábado 11 MARÇO às 21h

CONCERTO DE PÁSCOA
Direcção musical de Joana CARNEIRO
Sexta 07 ABRIL às 21h30

FERNANDO LOPES-GRAÇA
Bruno MONTEIRO e João Paulo SANTOS
Sábado 22 ABRIL às 21h30
Domingo 23 ABRIL às 16h

ORQ. GULBENKIAN
Direcção musical de Joana CARNEIRO
Sábado 20 MAIO às 21h30

LUÍSA SOBRAL
Sábado 27 MAIO às 21h30

© Jorge Gonçalves

Revisitando Tennessee Williams

Os Artistas Unidos trazem na primeira metade do ano duas peças do autor a quem têm vindo a dedicar um ciclo: *A noite da iguana* e *Jardim zoológico de vidro*, do norte-americano Tennessee Williams. Em entrevista ao *Mais TMJB*, o encenador Jorge Silva Melo fala-nos do que estes "*clássicos contemporâneos"* ainda têm para nos dar: um universo de personagens febris, falhadas, ambiciosas, mentirosas e verdadeiras, representativas de uma Humanidade que se sabe frágil e incapaz – nós próprios.

Há já dois anos que os Artistas Unidos se dedicam ao teatro de Tennessee Williams. O que é que este dramaturgo ainda tem para nos dizer?
Tudo. Aqui fala-se de ambição, derrotas, quedas, desejos. Relações entre pessoas. Alguém conseguiu contar-nos melhor o que se passa entre um pai e um filho do que Williams no vibrante II acto de *Gata em telhado de zinco quente*? Ou falar do desejo perdido como no *Doce pássaro da juventude*? Ou seja: ele trouxe para a cena personagens febris, falhados, astuciosos, frustrados, ambiciosos, mentirosos, verdadeiros, num redemoinho de que não nos livramos. É uma volúpia a sua escrita irregular, hesitante, traumatizada, ferida. E essa ferida ainda nos toca – e tocará. É a ferida de uma Humanidade que se sabe frágil, incapaz: nós próprios. E Williams bem podia olhar para nós no fim de cada uma das peças e dizer como Baudelaire: "*Ó meu semelhante, meu irmão*". Sim, ele diz os segredos que nós não ousamos dizer, por isso cala tanto no coração de quem o lê, de quem o ouve, de quem o vê.

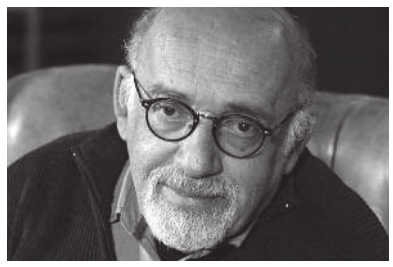
Que peso têm os célebres filmes realizados a partir destes clássicos, quando inicia o trabalho com os actores?
Williams foi adaptado ao cinema, e os filmes a partir de peças suas foram realizados por gigantescos mestres: Kazan, Brooks, Huston. No entanto, por imposições de produção de Hollywood ou por outros motivos que nem sempre são claros, os filmes afastam-se muito das peças. Há temas importantes dos textos que desaparecem mesmo totalmente nos filmes. Olha, por exemplo, Williams faz decorrer *A noite da iguana* durante o bombardeamento nazi de Londres, em 1940. E toda a busca individual daqueles seres exaustos e à beira do ataque de nervos decorre tendo como fundo a ascensão histérica do nazismo. No filme, Huston não quis saber disso. A acção passa-se em 1960: não há sinal de nazis. A incidência é a pulsão sexual – e é um grande filme, apesar de bem distante da peça. Pois, são grandes filmes, mas aquilo que tentámos foi devolver Williams ao lugar para o qual escreveu: o palco. E quem vier de boa vontade vai ver que as peças são bem diferentes dos filmes que originaram. É uma das surpresas.

Os Artistas Unidos têm levado a cabo, em Portugal, um intenso trabalho no que toca à divulgação da dramaturgia europeia contemporânea. Esse caminho é para continuar?
Sim, é esse o nosso campo de acção. Revelando autores, representando-os, editando-os (há meses, ultrapassámos os 100 Livrinhos de Teatro: coisa única, creio). A 11 de Janeiro estreamos no Teatro da Politécnica uma segunda peça do argentino Rafael Spregelburd: *A estupidez*. E em 2017 prevemos apoiar textos d'Os Possessos, Valère Novarina, estrear um Dimitriadis e revelar Annie Baker, com estreia prevista para a Culturgest em Abril. Mas claro que nos interessam os "*clássicos do contemporâneo*" – e, tal como fizemos ciclos com Harold Pinter ou agora Tennessee Williams, queremos continuar com Heiner Müller, de quem este ano fizemos *Quarteto*. Prevemos para 2017 a estreia de *Máquina Hamlet*. Mas... a gente sabe lá.

No Festival de Almada 2012, nos *Colóquios na Esplanada*, afirmou que se dedicava *"ao teatro, e não à decoração de montras"*. Quer concretizar?
Muitas vezes se confunde cenografia com decoração e encenação com cenografia. Não tenciono fazer um teatro bonitinho, nem mesmo rico. O que me interessa é entregar ao espectador um texto limpo, complexo: um corpo doloroso dos actores. Não, não gosto de montras... Gosto de actores, do Verbo e da luz.

A NOITE DA IGUANA
De Tennessee WILLIAMS
Encenação de Jorge SILVA MELO
25 e 26 MARÇO
Sábado às 21h | Domingo às 16h

JARDIM ZOOLÓGICO DE VIDRO
De Tennesse WILLIAMS
Encenação de Jorge SILVA MELO
12, 13 e 14 MAIO
Sexta e Sábado às 21h30
Domingo às 16h



Jorge SILVA MELO

Jorge Silva Melo (n. 1948, Lisboa) é actor, tradutor, cineasta e encenador. Em 1969 obteve um diploma em realização pela London Film School. Estagiou em Berlim com Peter Stein e em Milão com Giorgio Strehler. Em 1973 fundou, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia, que integrou até 1979. Em 1995 fundou os Artistas Unidos, a companhia independente que actualmente dirige e na qual centra a sua actividade como encenador. Foi também professor na Escola Superior de Teatro e Cinema e é autor das peças de teatro: *Seis rapazes, três raparigas*; *António, um rapaz de Lisboa*; *O fim ou tende misericórdia de nós*; *Prometeu*; *Num país onde não querem defender os meus direitos, eu não quero viver*; *Não sei* (com Miguel Borges); e *O navio dos negros*, a partir de Júlio Verne.

Cinco meses de teatro: do musical do Teatro Nacional São João ao regresso de "O feio"

© Rui Carlos Mateus

Até ao próximo mês de Maio, o TMJB acolhe quatro espectáculos de teatro, para além de uma produção da Companhia de Teatro de Almada que esgotou a lotação da Sala Experimental no final do ano passado, durante três semanas consecutivas. *O feio*, de Marius von Mayenburg, está de volta, na encenação de Toni Cafiero, e junta-se ao teatro independente que se faz fora da Grande Lisboa e às criações do Teatro Nacional São João e do colectivo Os Possessos.

As sucessivas sessões esgotadas de *O feio*, em Setembro e Outubro do ano passado, determinaram a reposição de uma das últimas criações da Companhia de Teatro de Almada entre os dias 10 e 19 de Fevereiro. Para além do enredo original (sobre um inventor de conectores que resolve recorrer à cirurgia plástica quando o chefe e a mulher, com toda a coragem, lhe dizem ser extraordinariamente feio), a encenação do italiano Toni Cafiero conquistou a crítica e o público pelas suas opções ousadas, relacionadas com os gestos coreografados, uma forma distanciada de dizer o texto e um conjunto de referências cinematográficas e musicais que vão de *Pulp fiction* a Céline Dion. Javier Villán, no *El Mundo*, atribuiu-lhe quatro estrelas e destacou o "*magnífico exercício de beleza plástica e sensorial*" levado a cabo pelos actores André Pardal, João Farraia, João Tempera e Maria João Falcão.

ESTREIAS E SEMI-ESTREIAS

Depois da carreira no Teatro Carlos Alberto, *Fã* passa por Almada, naquela que é uma das suas primeiras paragens fora do Grande Porto. Trata-se de um musical para toda a família, cuja história, escrita por Regina Guimarães, tem muitos pontos de contacto com a de *O fantasma da ópera*: uma jovem cantora prestes a estrear-se em palco, uma estrela *rock* decidida a protegê-la e um fantasma perdido de amores por ela, esquecido nos bastidores do teatro. A participação ao vivo dos Clã é, no entanto, a cereja no topo do bolo. A banda aceitou o convite de Nuno Carinhas para se juntar a um projecto que, sendo dedicado às crianças, "*não causa urticária nem mortal aborrecimento a pais, parentes, educadores, vizinhos, padrinhos, madrinhas e demais companheiros*" – e volta assim, oito anos depois do lançamento de *Disco voador*, a cantar para os "*supernovos*".

Este espectáculo recém-estreado, na fronteira entre o concerto e a peça de teatro, cede depois o seu lugar à estreia absoluta de *Marcha invencível*, uma criação do colectivo Os Possessos. O actor João Pedro Mamede, presença regular no elenco dos Artistas Unidos e recentemente distinguido com o prémio Jovens Talentos atribuído pela Câmara Municipal de Almada, é o autor e o encenador de um espectáculo que, partindo de alguns títulos da literatura distópica, imagina uma sociedade sob permanente vigilância, incapaz de lidar com as consequências imprevistas da interacção entre um homem e uma mulher.

DE MAIS OU MENOS LONGE

Na primeira metade do ano, o TMJB recebe também duas produções de companhias de fora da Grande Lisboa: *As criadas*, da Companhia de Teatro de Braga, e *Um espectáculo*, da ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve. O primeiro, encenado por Rui Madeira, encerra o ciclo que a companhia vem desenvolvendo desde 2013, subordinado ao tema *Liberdade e Solidão*. Encarcera numa cela a dupla de criadas que Genet imaginou em 1958, impressionado pela forma como as irmãs Papin haviam, na realidade, posto fim à vida da patroa, e transforma esta última na guarda prisional que as atormenta a cada nova visita. Para o encenador, o autor revela "*um grande descomprometimento com o politicamente correcto e um grande comprometimento com a vida*" e convida, ao mesmo tempo, à reflexão sobre a crise de valores que afecta a Europa, onde "*aquilo que eram receios nossos agora são mesmo pesadelos*".

Por sua vez, a ACTA leva à cena um texto do suíço Robert Pinget, originalmente intitulado *Abel et Bela*, no qual se vislumbra "*qualquer coisa do universo beckettiano*". A opinião é de Luís Vicente, director artístico da companhia, para quem as divergências que, neste texto, opõem um encenador e uma produtora na altura de montar um espectáculo revelam muitas afinidades com a sensação de absurdo e de vazio que pressentimos em *À espera de Godot*. Finalmente, *Um espectáculo* é também uma oportunidade de ver a actriz Elisabete Martins no papel de encenadora. Deste modo se enchem de teatro os próximos cincos meses, com espectáculos que permitem ao espectador ir ao encontro da dramaturgia europeia e tomar o pulso à realidade criativa nacional. | Ângela Pardelha

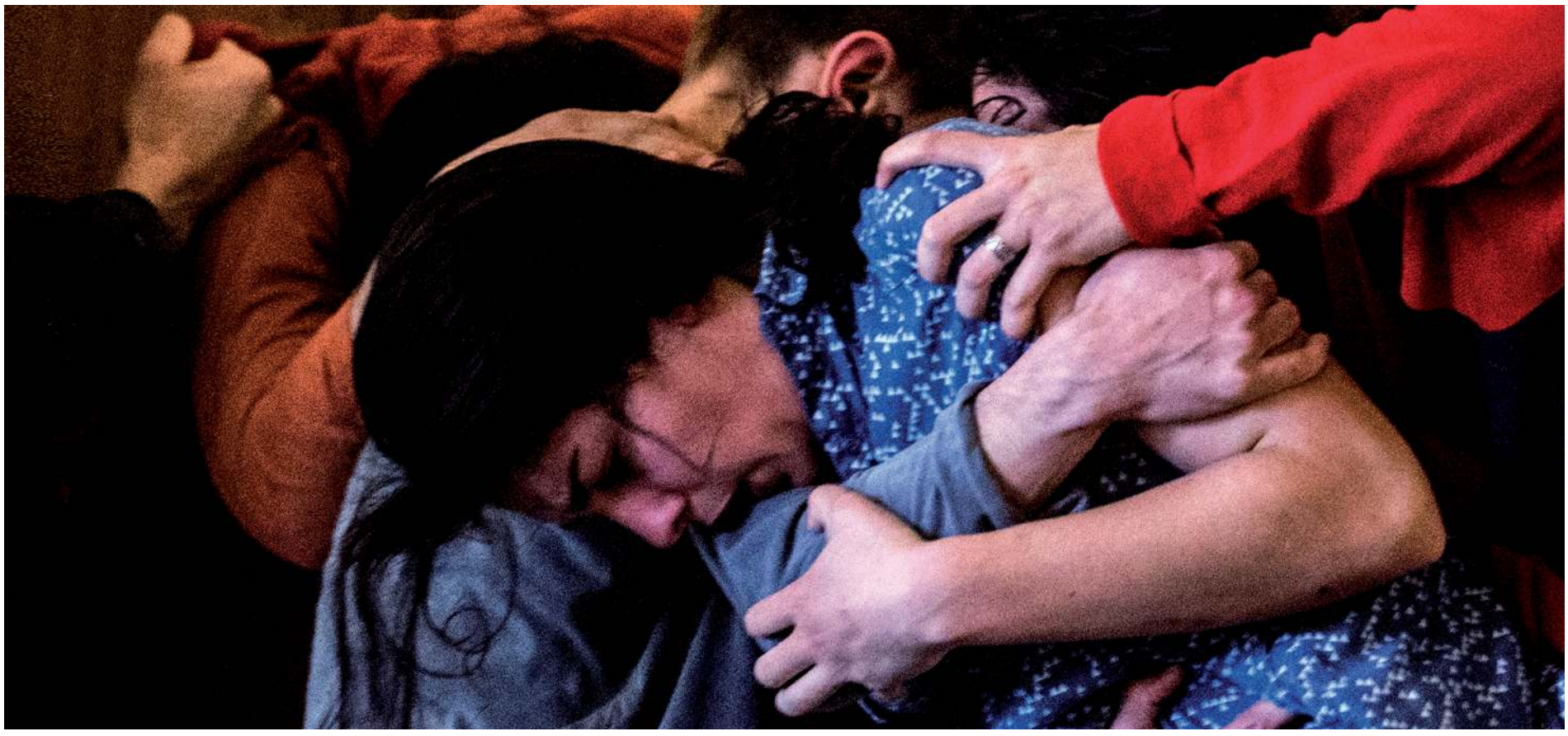
O FEIO
De Marius von MAYENBURG
Encenação de Toni CAFIERO
10 a 19 FEVEREIRO
Quarta a Sábado às 21h
Domingo às 16h

FÃ
Texto de Regina GUIMARÃES
Música dos CLÃ
Encenação de Nuno CARINHAS
11 e 12 FEVEREIRO
Sábado às 21h
Domingo às 16h

MARCHA INVENCÍVEL
Texto e encenação de João Pedro MAMEDE
10, 11 e 12 MARÇO
Sexta e Sábado às 21h
Domingo às 16h

AS CRIADAS
De Jean GENET
Dramaturgia e enc. de Rui MADEIRA
09 ABRIL
Domingo às 16h

UM ESPECTÁCULO
A partir de Robert PINGET
Encenação de Elisabete MARTINS
15 ABRIL
Sábado às 21h30



© Paulo Pimenta

O início de um novo ciclo criativo

Entrevista com Olga Roriz

A recente crise dos refugiados despertou na coreógrafa a vontade de se comprometer com a actualidade nos seus espectáculos. *Antes que matem os elefantes* remete para o conflito na Síria, colocando sete intérpretes no interior de um apartamento em ruínas, e é já um produto do contacto directo com a realidade que a inquieta. Para Olga Roriz, esta é uma das suas peças mais teatrais e marca o início de um novo ciclo criativo.

Foi a passagem por um campo de refugiados, na Grécia, que esteve na origem desta criação. Em que contexto surgiu esta visita e que impacto teve ela em si, enquanto ser humano e criadora?
Já antes da crise dos refugiados eu tinha projectado criar um espectáculo sobre este tema. Por essa razão viajei até Atenas, onde o contacto directo com refugiados no campo de Elionas e assistir à saída dos barcos no Porto de Pireu me deu toda uma outra dimensão do acontecimento. Os olhos tristes das crianças, as faces preocupadas dos pais, o olhar perdido dos jovens ficaram-me impressos na pele. Quando voltei, não era a mesma pessoa.

Por que razão centrou depois a criação na Síria e, em particular, em Alepo?
No início do trabalho, já no estúdio, continuei a pesquisa, sobretudo em documentários. Aos poucos os depoimentos das crianças foram-me despedaçando o coração, especialmente as que ainda estavam na Síria debaixo de fogo, com fome, frio e muito sofrimento no olhar. E foram esses depoimentos – vindos, na sua maioria, da cidade de Alepo – que me fizeram mudar de ideias e focar o espectáculo no impacto da guerra, construindo toda a peça dentro de um apartamento nessa cidade, habitado por quatro homens e três mulheres numa luta pela sobrevivência.

Considera que se trata de *"uma das peças mais teatrais"* que fez até hoje. Porquê? O espectador acompanha uma narrativa?
Realmente considero que é uma das peças mais teatrais que criei, mas não por essa razão. A teatralidade não está obrigatoriamente ligada à percepção de uma narrativa por parte do público. Espaço, tempo, acção, símbolos, cenário, figurinos, gesto… Todos conduziam a uma realidade poética, a um sentir universal, a um encontro entre a actualidade da tragédia e o que se passava no palco – e nem uma palavra se ouvia.

Que diferenças existem quando se trabalha de uma forma tão objectiva e com dados tão concretos como os que são fornecidos por notícias e documentários?
O método é sempre o mesmo. No entanto, o andamento dos ensaios vai delineando o processo do percurso de criação. Seja pelo tema, pelo espaço cénico ou mesmo pela forma de estar dos intérpretes. Quanto a este trabalho em específico, foi extremamente estimulante, mas também extremamente duro, lidar quase diariamente com o desenrolar e a mutação dos factos.

Olhando para trás, que lugar ocupa *Antes que matem os elefantes* no conjunto da sua obra? Parece-lhe ser o início de um novo ciclo criativo?
Sim, sinto que sim. É um olhar mais profundo e engajado sobre o Mundo. Uma causa! Esta guerra ainda não acabou e, por essa razão, a próxima criação (*Síndrome*) será a continuação de *Antes que matem os elefantes*, como se se tratasse de uma doença epidémica, de um vírus.

Por que razão lhe atribuiu este título?
Este título foi sugerido pela minha companheira de estrada, a Elisa Ferreira. Os elefantes caminham juntos para a morte e, antes que matem um dos animais mais antigos da História da Humanidade, antes que matem a nossa memória, precisamos de fazer alguma coisa.

Que significado tem para si apresentar esta criação em Almada?
O TMJB é um dos pontos de referência do país. O meu objectivo e o da companhia que dirijo é aí nos apresentarmos sempre que possível. Acho que esta peça é importantíssima – por aquilo que está a acontecer neste momento e pelo que, infelizmente, ainda está por vir – e ocupa um lugar especial no nosso repertório. Quero apresentá-la no maior número de teatros possível e sensibilizar um grande número de espectadores para esta questão. Apesar de não ser usual, a dança, mesmo sem palavras, tem capacidades de intervenção, debruçando-se sobre os problemas actuais da sociedade.

ANTES QUE MATEM OS ELEFANTES
Direcção de Olga RORIZ
01 ABRIL
Sábado às 21h30

Olga RORIZ

Olga Roriz teve como formação artística o curso da Escola de Dança do Teatro Nacional de São Carlos e o curso da Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa. Em 1976 integrou o Ballet Gulbenkian, inicialmente como primeira bailarina e, mais tarde, como coreógrafa principal. Em 1992 assumiu a direcção artística da Companhia de Dança de Lisboa e fundou, em 1995, a Companhia Olga Roriz, da qual é directora. Criou e repôs peças para o Ballet Gulbenkian, a Companhia Nacional de Bailado, o Balé Teatro Guaíra, os Ballets de Monte Carlo, o Ballet Nacional de Espanha, o English National Ballet, o American Repertory Ballet, o Maggio Danza e o Alla Scala. *Pedro e Inês* (2015), uma produção da Companhia Nacional de Bailado com coreografia assinada por si, foi a sua última criação em Almada.

Refugiados: a revolução da partilha

Vêm do Paquistão, do Afeganistão, da Somália, da Eritreia, da Síria, do Iraque, da Líbia, do Mali, da Argélia, de Marrocos, do Haiti e de muitos outros lugares onde a vida deixou de ser compatível com a ideia de futuro. São milhões. Quantos milhões? Não se sabe. Chamam-lhes "*migrantes*" e têm uma única coisa na cabeça: a vontade de chegar à Europa. Em Abril, a Companhia de Teatro de Almada estreia em Portugal o mais recente texto do romeno Matéi Visniec, que apresenta num breve artigo a sua nova peça. A encenação fica a cargo de Nuno Cardoso.

"*Refugiados: a Europa desintegra-se*". "*Refugiados: a morte clínica da Europa*". Foi através de títulos como estes que o jornal *Le Monde*, mas também grande parte da imprensa europeia, analisaram, no final de Fevereiro de 2016, o fenómeno do fluxo migratório. Uma drástica mudança de atitude se pensarmos que, em Setembro de 2015, depois da morte por afogamento, no Mar Egeu, de um pequeno sírio de origem curda chamado Aylan, com cinco anos, toda a imprensa saudou a generosidade com que a Alemanha – e, sobretudo, Angela Merkel – abria os braços para acolher um milhão de refugiados… No espaço de apenas cinco meses, a Europa entrou em pânico. Os responsáveis políticos, mas também a opinião pública, compreenderam que há cerca de 80 milhões de pessoas no planeta que vivem em regiões afectadas pela guerra e que, em princípio, têm o direito de pedir protecção internacional e, por conseguinte, asilo político na Europa. As fronteiras começaram a fechar-se: a imagem do arame farpado reapareceu por entre os fantasmas da História. A Europa não sabe o que é que lhe está a acontecer, não sabe o que é que deve fazer – e é grande a tentação de renunciar aos seus valores (livre circulação, direitos humanos, sociedade aberta, etc.) para travar os milhões de candidatos ao exílio que estão em marcha.

Estou convencido de que não se trata de um "*fenómeno migratório de uma amplitude sem precedentes*", mas sim de uma "*revolução da partilha*". Uma gigantesca revolta passiva esconde-se por detrás deste movimento (igualmente motivado pelo instinto de sobrevivência). Estas centenas de milhar de pessoas também recordam ao Ocidente que o seu modelo económico, político e cultural se globaliza mal. É um modelo que funciona apenas num perímetro restrito de terra habitável, enquanto o resto do Mundo assiste ao "*festim dos privilegiados*" pela televisão… É certamente uma injustiça pela qual os criadores deste modelo, os ocidentais, poderão vir a ter de pagar a conta. A revolução a que assistimos é a da "*partilha do acesso à felicidade no Mundo*".

Na minha peça modular, proponho cenas breves e situações dramáticas (inspiradas em factos reais) através das quais procuro sugerir o grande dilema moral que a Europa enfrenta. Mas, sobretudo, desejo captar nesta peça o lado emocional e humano do fenómeno. É uma tragédia da Humanidade que se desenrola à nossa frente, digna do antigo teatro grego onde o Homem se confrontava com a força implacável do Destino. | Matéi Visniec

MIGRANTES

De Matéi VISNIEC | Enc. de Nuno CARDOSO

21 a 28 ABRIL
e 03 a 14 MAIO
Quarta a Sábado às 21h30
Domingo às 16h

Nuno CARDOSO

Nuno Cardoso (n. 1970, Canas de Senhorim) iniciou o seu percurso teatral no princípio da década de 90 no CITAC, em Coimbra, onde trabalhou, como actor, com encenadores como João Paulo Seara Cardoso, Nuno M. Cardoso, José Neves e João Garcia Miguel. Foi um dos fundadores do colectivo Visões Úteis e director artístico do Teatro Carlos Alberto entre 2003 e 2007, espaço integrado em 2003 no Teatro Nacional São João, onde dirigiu textos de Wedekind, Büchner ou Vassili Sigarev. Para a companhia independente Ao Cabo Teatro, que actualmente dirige, já encenou peças de Sarah Kane, Don DeLillo, Tennessee Williams, Lars Norén, Tchecov e Shakespeare, em espaços como o Teatro Nacional D. Maria II, o São Luiz Teatro Municipal ou o Teatro Nacional São João.

Matéi VISNIEC

Matéi Visniec (n. 1956, Radauti) é dramaturgo e poeta. Aos 31 anos instala-se em Paris, fugindo à ditadura na Roménia. Dada a censura dos seus textos, só em 1989 se tornará num dos autores mais representados no seu país. Rapidamente a sua obra é traduzida e encenada em vários idiomas. Entre as suas peças mais conhecidas encontram-se *Velho palhaço, precisa-se* (1987) e *A velhota que fabricava 37 cocktails Molotov por dia* (2002). Os seus textos são actualmente representados por todo o Mundo, desde o Piccolo Teatro di Milano ao Teatro Máximo Gorki, em Berlim, passando por Avignon, Paris, Teerão e Hollywood. Visniec tem intercalado a sua actividade dramatúrgica com o jornalismo, na Rádio France Internationale. As suas peças estão editadas em português do Brasil na editora Realizações.

TEATRO PARA A INFÂNCIA

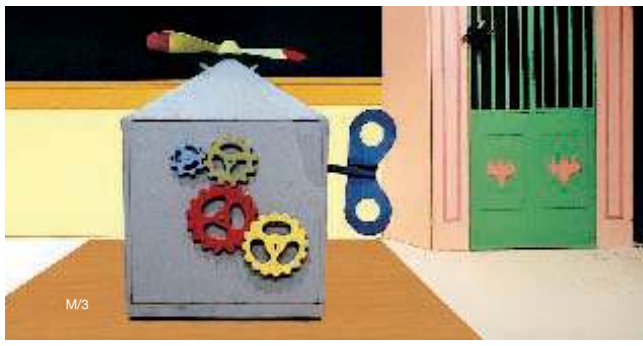
LIMITE ZERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

CONTOS DO ARCO DA VELHA

Dramaturgia de **Joana Luz Figueira**
Encenação de **Raul Constante Pereira**

JANEIRO
Sábado **28** às 16h | Domingo **29** às 11h

M/3



COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

AS AVENTURAS DE GUINHOL

A partir do texto tradicional francês
Encenação e adaptação de **Teresa Gafeira**

25 FEVEREIRO a 05 MARÇO
Terça **28** e Sábado às 16h | Domingo às 11h

M/3

DAMA PÉ DE MIM

De **Ana Madureira**

MARÇO
Sábado **18** às 16h | Domingo **19** às 11h

M/3

CO-PRODUÇÃO: FÁBRICA DAS ARTES / CENTRO CULTURAL DE BELÉM

ULISSES DE VOLTA À CASA PARTIDA

Criação de **Carla Galvão, Cláudia Andrade** e **Mafalda Saloio**

ABRIL
Sábado **01** às 16h | Domingo **02** às 11h

M/6

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

O FANTASMA DAS MELANCIAS

De **Claeyssen, Espina e Acuña**
Encenação de **Teresa Gafeira**

ABRIL
Sábado **22** às 16h | Domingo **23** às 11h

M/3

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

DONA RAPOSA E OUTROS ANIMAIS

A partir das fábulas de **La Fontaine**
Encenação de **Teresa Gafeira**

MAIO
Sábado **06** às 16h | Domingo **07** às 11h

M/3

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

PASTÉIS DE NATA PARA BACH

Dramaturgia de **Pedro Proença** e **Teresa Gafeira**
Encenação de **Duarte Guimarães**

MAIO
Sábado **20** às 16h | Domingo **21** às 11h

M/3

OFICINAS AOS SÁBADOS

Lançámos em 2016 um conjunto de oficinas sobre os bastidores do teatro, as profissões que o constituem e as ideias que movem os artistas. Através da observação, do diálogo, da exploração e da concretização de pequenas acções criativas, continuamos em 2017 a lançar sementes para pequenos grandes públicos. As oficinas, às 15h00 e com duração de duas horas, destinam-se a crianças entre os 5 e os 7 anos, e entre os 8 e os 11 anos, tendo um valor de 2,5 €.

14 e 21 de JANEIRO
das 15h às 17h

Teatro, quem és tu?

04 e 18 de FEVEREIRO
das 15h às 17h

À descoberta do Teatro Azul

11 e 25 de MARÇO
das 15h às 17h

Cenografias de papel

08 e 29 de ABRIL
das 15h às 17h

E fez-se luz!

13 e 27 de MAIO
das 15h às 17h

Ópera, opereta, música fora da gaveta!

FAIXAS ETÁRIAS
O primeiro Sábado de cada oficina: crianças entre os 5 e os 7 anos
O segundo Sábado de cada oficina: crianças entre os 8 e os 11 anos